

**EXTERIORIDADE E ALTERIDADE NA CONSTITUIÇÃO DOS CONCEITOS DE  
INTERDISCURSO E MEMÓRIA DISCURSIVA NA OBRA DE MICHEL  
PÊCHEUX<sup>1</sup>**

\*\*\*

**EXTERIORITY AND OTHERNESS IN THE CONSTITUTION OF THE  
CONCEPTS OF INTERDISCOURSE AND DISCOURSE MEMORY IN MICHEL  
PÊCHEUX'S WORK**

Gustavo Haiden de Lacerda<sup>1</sup>  
Renata Marcelle Lara<sup>2</sup>

**Data de recebimento do texto:** 18/09/2024

**Data de aceite:** 10/10/2024

**Resumo:** Este artigo traça um percurso da constituição de dois conceitos basilares para a Análise de Discurso pecheutiana – o *interdiscurso* e a *memória discursiva* –, por meio de duas outras noções os que especificam: a *exterioridade* e a *alteridade*. Com base na leitura de um efeito de arquivo da obra de Michel Pêcheux, junto a outros autores de referência, bem como recorrendo a compreensões da Epistemologia Histórica, os desenvolvimentos descontínuos dos conceitos ganham relevo, o que permite entender suas relações de semelhanças/diferenças e os caminhos percorridos para conceituá-los. Para observar os conceitos em funcionamento, um gesto analítico sobre uma conhecida fotografia, *Raising the Flag on Iwo Jima* (1945), é realizado, destacando as formas pelas quais essa imagem é significada na exterioridade-alteridade do interdiscurso pelo enlaçamento da memória.

**Palavras-Chave:** Análise de Discurso. Exterior. Outro. Interdiscurso. Memória discursiva.

**Abstract:** This paper draws a trajectory concerning the constitution of two pivotal concepts withing Pecheudian Discourse Analysis – *interdiscourse* and *discourse memory* –, by considering two other notions that enable us to specify them: *exteriority* and *otherness*. Grounded on a reading of an archive effect from Michel Pêcheux's works, alongside other seminal authors, as well as turning to comprehensions from Historical Epistemology, the discontinuous developments of the concepts are highlighted, which allows us to understand their similarities/differences and the paths followed to conceptualize them. In order to visualize the concepts in functioning, an analytical gesture is carried out regarding a notorious photograph, *Raising the Flag on Iwo Jima* (1945), emphasizing the ways in which this image is signified by the exteriority-otherness of interdiscourse through memory bonding.

**Keywords:** Discourse Analysis. Exterior. Other. Interdiscourse. Discourse memory.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos da Comunicação na McGill University. Possui mestrado em Letras (área de concentração: Estudos Linguísticos) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE-UEM). E-mail: gustavo.haiden@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (2008), com estágio Pós-doutoral no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019). Professora Associada do Departamento de Fundamentos da Educação, Área de Metodologia e Técnicas de Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE-UEM). E-mail: rmlara@uem.br

## Abertura

Uma das inquietações centrais de Michel Pêcheux era introduzir um modo de compreender a produção dos sentidos e dos sujeitos sem recorrer a um fantasma de subjetividade individual, consciente, pragmático. Esse desejo, sustentado em sua inscrição teórico-política junto ao materialismo, conduziu Pêcheux a propor uma teoria não-subjetivista da subjetividade, projeto ambicioso, posteriormente retificado, mas que já apontava para o essencial: produzir uma “mudança de terreno” que consistia em “*se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo*” (PÊCHEUX, 2015b [1971]<sup>2</sup>, p. 127, grifos do autor).

Ao longo de seu percurso, Pêcheux insistiu sobre o sentido não estar preso às palavras, visto que elas “*podem mudar de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam*” (PÊCHEUX, 2015b, p. 122, grifos do autor). Por não estar atrelado a uma consciência, mas ao processo de interpelação, o sentido vem antes, de outro lugar e independentemente (PÊCHEUX, 1995 [1975]), pois “o laço que liga as ‘significações’ de um texto a suas condições sócio-históricas não é, de forma alguma, secundário, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX, 2015b, p. 125).

Muitos foram os conceitos que permitiram ao fundador da Análise de Discurso (AD) localizar a anterioridade-exterioridade-independência do sentido, como os de condições de produção, pré-construído, formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva, entre outros. Neste texto, buscamos traçar um trajeto de constituição dos conceitos de *interdiscurso* e de *memória discursiva*, a partir de duas outras noções fundamentais na empreitada pecheutiana: a *exterioridade* e a *alteridade*. Consideramos ser possível e produtivo observar que a produção do sentido a partir do exterior, do outro-lugar, é sustentada desde o início da produção teórica de Pêcheux (mesmo antes das conceituações explícitas de interdiscurso e memória) e atravessa toda a sua obra.

Assumimos que a problemática em torno da formação de conceitos implica movimentos descontínuos, isto é, não sequenciais, em recusa à ideia de que o saber se desenvolva linearmente. Ancorados pela descontinuidade discursiva, interrogamos: *como as compreensões de exterioridade e de alteridade se marcam ao longo da obra de Pêcheux e, principalmente, na constituição dos conceitos de interdiscurso e de memória?* Essa pergunta norteadora está embasada em duas considerações: a primeira, oriunda da

Epistemologia Histórica francesa (CANGUILHEM, 1995 [1966]; MACHEREY, 1995), diz respeito aos movimentos incessantes dos conceitos na história de uma ciência, desde seu nascimento, passando por sua formação e transformações. A segunda consideração, inscrita no campo da Análise de Discurso materialista, afirma a necessidade de remeter um discurso a suas condições de produção para que se possa reconhecer seus efeitos.

A fim de realizar uma tal empreitada, recortamos uma conhecida e reproduzida afirmação de Pêcheux (1995, p. 162), referindo-se à “objetividade material contraditória do interdiscurso”, a qual “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”. Duas constatações importantes estão aí indicadas: (i) o sentido não está preso ao interior do dito, mas vem de “fora” dele; (ii) o sentido vem de outro lugar, do lugar do Outro. A partir dessa citação, realizamos um gesto de leitura acerca de como a *exterioridade* e a *alteridade* são determinantes já nos textos iniciais de Pêcheux (inclusive nos que assinou sob o pseudônimo Thomas Herbert) e atravessam sua obra, fornecendo bases para o posterior desenvolvimento dos conceitos de interdiscurso e memória discursiva, dos quais buscamos uma história nos desdobramentos da AD.

De maneira a dar consequência ao fato de que os sentidos não existem enquanto abstrações, mas inscritos em práticas materiais, procedemos também a um gesto analítico de uma controversa fotografia, *Raising the Flag on Iwo Jima* (1945), produzida por Joe Rosenthal. Buscamos mostrar que memória, interdiscurso, exterioridade e alteridade se entrelaçam na produção efusiva de sentidos para essa imagem e para além dela. Seguir os traços da constituição conceitual do arcabouço da AD é um gesto que se coloca no movimento memorial da própria disciplina, remontando à sua história para remontar (retraçar) sua historicidade. No acontecimento de seu retorno incessante, a discursividade insere-nos num circuito de significação *sem começo nem fim(ns)*, pelo trabalho da *rodaviva da memória* (LACERDA, 2023).

### **Um movimento primeiro: a exterioridade e o interdiscurso**

Referendados a Macherey (1995), defendemos que um conceito nem sempre esteve lá, nos primórdios de uma disciplina: ele precisou ser construído. Contudo, seria incongruente afirmar que não havia traços do conceito na formação de uma ciência – isso seria negar a história, sua produção real. Defender o contrário – que o conceito já estava pronto, só faltava ser “descoberto” – é também temerário, porque representa uma outra

forma de negação do real histórico. Há uma radicalidade na produção do conceito, na produção de retificações, que sinaliza a existência do real. Acompanhar a constituição do interdiscurso requer um caminho mais contraditório, menos logicamente estabilizado.

De acordo com Canguilhem (1995), todo conceito tem origens, mas não exatamente um começo, um grau zero, um ponto de partida absoluto. Quando tomamos a obra de Pêcheux, e dentro dela o *interdiscurso*, temos que este conceito “começa” em 1975, ganha corpo conceitual (palavra e definição) em obras específicas, tais como *A propósito da Análise Automática do Discurso*, escrito com Catherine Fuchs, e, principalmente, *Semântica e Discurso*, ambos de 1975. Esse “começo”, entretanto, não inicia de fato ali, ou seja, suas origens remontam a um processo de constituição mais complexo. Para Malidier (2017 [1990], p. 56), o interdiscurso estava inscrito na AAD-69, “na hipótese da relação do discurso ao ‘já-dito’, ‘já-ouvido’” e “na ideia do não-dito constitutivo”. Desse processo, salientamos as noções de *exterioridade* e *alteridade* como partes da constituição conceitual, o que não significa que sejam as únicas relevantes.

Subscrevemos essas considerações a uma posição materialista, consoante a qual um objeto real existe independentemente do fato de haver produção de um objeto de conhecimento que lhe corresponda, em vista de uma tese central: “o mundo ‘exterior’ material existe (objeto real, concreto-real)” (PÊCHEUX, 1995, p. 74). O primado do real-concreto sobre o real-pensado localiza certeira a discussão de Pêcheux no seio da proposta althusseriana, cuja tese materialista postula o primado do ser sobre o pensamento, segundo o qual a existência concreta independe de uma subjetividade pensante (ALTHUSSER, 1996 [1970]). Ou seja, o sentido não é (apenas) o que se pensa dele; sua existência é *objetiva*, desde que se entenda objetividade como um modo de ser não-autodeterminado, mas anterior e independente de uma subjetividade pensante.

Em *Semântica e Discurso*, um modo determinante de localizar o sentido como *efeito* de uma exterioridade material e objetiva é a partir do *pré-construído*, noção que Pêcheux (1995, p. 99) retoma de Paul Henry e que “remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”. Essa citação, acerca do pré-construído, é muito similar àquela que reproduzimos na introdução, quando Pêcheux (1995) descreve a objetividade material contraditória do interdiscurso. E isso não é gratuito: é apoiado no pré-construído, junto ao discurso transversal (articulação), que o autor propõe a existência do interdiscurso que incide sobre a formulação (com privilégio para as orações relativas). O pré-construído é o ponto de

partida para apreender, na materialidade linguística, a presença objetiva do interdiscurso: “[...] o efeito de *encadeamento do pré-construído* e o efeito que chamamos *articulação* [...] são, na realidade, determinados materialmente na própria estrutura do interdiscurso” (PÊCHEUX, 1995, p. 162, grifos do autor).

Conforme Maldidier (2017, p. 23, grifo da autora), a existência de uma determinação exterior era nodal para Pêcheux: “[a] referência às condições de produção designava a concepção central do discurso *determinado* por um ‘exterior’, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui”. Com o pré-construído, entendido como marca de construções anteriores, Pêcheux (1995) consegue dar sequência ao trabalho com a exterioridade-anterioridade dos sentidos. O pré-construído forneceu a ancoragem linguística do interdiscurso, que foi “o conceito-chave, ainda não formulado [em 1972], o mais difícil, mas sem dúvida o mais fundamental” (MALDIDIER, 2017, p. 39).

Pêcheux (1995) também faz referência ao assujeitamento ao campo do Outro<sup>3</sup>, remetido ao Sujeito da teoria althusseriana, e enfatiza que não se trata de uma “transcendência”, mas de um processo “pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como *interior* sem *exterior*, e isso pela determinação do real (*exterior*), e especificamente – acrescentaremos – do interdiscurso como real (*exterior*)” (PÊCHEUX, 1995, p. 163, grifos do autor).

Em primeiro lugar, o que está em pauta é a determinação ideológica, bem como inconsciente, do sujeito, que só é *efeito* de interioridade devido a uma exterioridade que o constitui. Acerca disso, lembremos a afirmação de Althusser (1996, p. 134, grifos do autor): “a ideologia *não tem um exterior* (para si mesma), mas, ao mesmo tempo, *que ela não é nada senão o exterior* (para a ciência e a realidade)”. Essa citação é repetida por Pêcheux (1995, p. 178) e comentada na sequência: “a ideologia não possui um exterior *para si mesma*”, mas constitui exterioridade para o sujeito. O que encaminha para a segunda constatação, central para este artigo: o interdiscurso é “*real (exterior)*”. Exterioridade, como vimos, vinculada à ideologia, condição de qualquer efeito-sujeito e de qualquer efeito de sentido, e ao real, tanto pela psicanálise, enquanto o que existe para além da apreensão da realidade, quanto pela defesa materialista do primado do ser.

Até o momento, temos que o interdiscurso possui existência *material*, observável em seus efeitos de pré-construído e de discurso transversal, *exterior*, inscrito na ideologia, e, no encontro do material e do exterior, *real*, sendo aquilo que não está preso a uma

consciência. Essa existência material, exterior e real é aprofundada com as formações discursivas, cujo “exterior específico” é o interdiscurso, inacessível em sua exterioridade, mas presente em seus efeitos:

Esse exterior, como vimos mais acima, é radicalmente ocultado para o sujeito-falante que está sob a dominância dessa formação discursiva [...], e isso em condições tais que todo acesso a esse exterior pela reformulação lhe seja proibido por razões constitutivas referentes às relações de divisão-contradição que atravessam-organizam o “todo complexo das formações discursivas” em um momento histórico dado (PÊCHEUX, 1995, p. 176-177).

Assim, uma formação discursiva “é imposta pelo ‘interdiscurso’ como determinação exterior de sua [do sujeito] interioridade subjetiva” (PÊCHEUX, 1995, p. 215). Se as formações discursivas (FD) são a matriz do sentido, pois delimitam o que pode e deve ser dito em determinadas condições de produção, o interdiscurso é condição de funcionamento de qualquer FD. Essa contenção, porém, não se fecha no interior de uma FD, porque elas estão atravessadas e abaladas umas pelas outras, formando um todo mais complexo, que é o interdiscurso. De acordo com Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p. 177, grifos dos autores), “uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo por aquilo que aí é estritamente não-formulável, já que a determina”, determinação que não provém de uma separação contínua e estanque entre um dentro e um fora, mas enquanto “exterioridade constitutiva” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 178).

O interdiscurso foi definido como “real (‘exterior’)” e o pensamento aproximado da interioridade do sujeito-falante. Com base nessa tese, podemos ainda especificar que o interior subjetivo não existe fora do real exterior, o qual, enquanto interdiscurso, é determinante dos sentidos e dos sujeitos. Muito disso estava assinalado na AAD-69, quando Pêcheux (1997a [1969], p. 77, grifo do autor) explica:

o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido.

Mesmo que o interdiscurso não esteja explicitamente proposto, o fato fundamental de que os sentidos de um discurso não nascem nele, mas possuem como “matéria-prima” discursos anteriores, que são atualizados e transformados (“deformações”) na “situação presente”, isto é, na formulação intradiscursiva, está sinalizado. Ao tomar a palavra, o

sujeito está “evocando” acontecimentos que já foram objeto de discurso e com eles estabelece suas relações, tendo em vista as condições de sua (re)produção – o que conduz Pêcheux (1997a, p. 79, grifos do autor) a concluir que é “*impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção”.

O discurso, que não é sinônimo de texto<sup>4</sup>, deve ser remetido àquilo que o estabelece de fora; ou, em outras palavras, à “exterioridade contraditória imanente aos modos histórico-materiais de existência do ‘pensamento’”, dependente de “uma *exterioridade* que o determina” (PÊCHEUX, 1995, p. 258, grifo do autor). Mesmo que o acesso direto a essa exterioridade esteja vedado, existem leis de funcionamento interno que remetem ao exterior e que possibilitam compreender seus “efeitos de exterioridade, de anterioridade e de independência que representam, no próprio interior do pensamento, o primado do real sobre o pensamento” (PÊCHEUX, 1995, p. 258).

Junto à explicação da inacessibilidade do exterior interdiscursivo, Pêcheux (1995) revisita sua “teoria dos esquecimentos”, desenvolvida anteriormente com Fuchs. Divididos entre nº 1 e nº 2, os esquecimentos de que trata o filósofo não são indicativos de “perda de memória” (PÊCHEUX, 1995, p. 183), mas parte do processo de produção dos sentidos e dos sujeitos em função da ideologia. O esquecimento nº 2 diz respeito à enunciação e ao efeito de evidência da unicidade do sentido, enquanto o esquecimento nº 1 é determinante do segundo, vinculado à ilusão de autonomia subjetiva.

Em *Semântica e Discurso*, os esquecimentos são especificados em relação ao interdiscurso: “o *esquecimento* nº 1 remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão” (PÊCHEUX, 1995, p. 172, grifo do autor). A força conceitual de introduzir o interdiscurso junto aos esquecimentos é dupla: primeiramente, explica “o fato de que não há fronteira ou solução de continuidade ‘no interior’ de uma formação discursiva, de modo que o acesso ao ‘não dito’ como ‘dito de outro modo’ (aceito ou rejeitado) permanece constitutivamente aberto” (PÊCHEUX, 1995, p. 172); além disso, permite observar “a discrepância introduzida nesse discurso pelo discurso de um outro (como próprio outro) para explicitar e se explicitar a si mesmo o que ele diz e ‘aprofundar o que ele pensa’” (PÊCHEUX, 1995, p. 172-173).

Ponto de culminação assegurado por um trabalho teórico ousado, o interdiscurso dá corpo – o que não é simplesmente dar nome, mas conceituar teoricamente – àquilo que o projeto pecheutiano carregava em seu âmago em 1969. Na conclusão da AAD-69, Pêcheux (1997a, p. 149, grifos do autor) escreve que o estudo de um determinado processo discursivo ( $\Delta_x$ ) deve considerar as “diferenças externas” em relação a outros processos ( $\Delta_y$ ,  $\Delta_z...$ ), “que constituem o exterior específico de  $\Delta_x$ ”, pois um processo não se caracteriza “somente pelos efeitos semânticos que nele se encontram realizados – o que é dito no discurso  $x$  – mas também pela ausência de um certo número de efeitos que estão presentes ‘além’, precisamente naquilo que chamamos o *exterior específico* do  $\Delta_x$ ”.

O que vale frisar, desse trecho, é o fato de Pêcheux (1997a) indicar que as diferenças entre um processo discursivo e outro constituem um “exterior específico” que merece ser considerado na análise de um discurso, ou seja, que sua interioridade deve ser remetida àquilo que está ausente, mas significando nessa ausência. Um discurso deve ser pensado sempre na relação com outros discursos, *entre discursos*. O terreno está sendo preparado, já em 1969, sobre os alicerces de um princípio de funcionamento discursivo entrevisto, mas ainda não formulado: o primado do *interdiscurso*.

Ao comentar a dita “segunda época” da AD, em *Análise de Discurso: três épocas*, Pêcheux (1997b [1983]) descreve o interdiscurso e a formação discursiva (FD) como conceitos centrais para a visualização de relações de força desiguais entre processos discursivos, que fazem explodir a maquinaria estrutural fechada, “na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vem de outro lugar” (PÊCHEUX, 1997b, p. 314). Uma FD é definida pelo exterior, esse “outro” que constitutivamente atravessa o dizer: estamos falando de *interdiscurso*, que foi introduzido “para designar ‘o exterior específico’ de uma FD enquanto este irrompe nesta FD para constitui-la em lugar de evidência discursiva” (PÊCHEUX, 1997b, p. 314). Todo discurso resulta da irrupção de um “além” exterior e anterior, de uma *exterioridade constitutiva*.

Orlandi (2001), filiada à AD pecheutiana, também argumenta em prol de uma definição de interdiscurso/memória discursiva como exterioridade constitutiva de todo discurso: “a exterioridade como constitutiva, isto é, como memória, como interdiscurso” (ORLANDI, 2001, p. 51). No entendimento da autora, o interdiscurso é “a memória afetada pelo esquecimento” e, embora seja irrepresentável, “está presente na textualização do discurso, na materialidade textual, nos vestígios deixados pelos gestos de interpretação”

(ORLANDI, 2001, p. 52). Para Orlandi (2001), não há diferença marcante entre memória e interdiscurso: este é feito de memória-esquecimento e presentifica-se em traços na textualização. Comentaremos, mais adiante, sobre a possibilidade de distinguir os dois conceitos (interdiscurso e memória discursiva) com base em Pêcheux.

Sob o pseudônimo Thomas Herbert (1995 [1967]), Pêcheux retorna ao caro tema da relação ciência/ideologia para pensar a viabilidade de uma ciência das ideologias. Dessa discussão, interessa-nos a ênfase do autor sobre não tomar o esquema de metáforas e metonímias como um processo de produção linear e causal da ideologia. O central dessa proposta, em suas palavras, é “a dupla direção (vertical e horizontal) das relações inter-elementos” (HERBERT, 1995, p. 82). O processo ideológico articula metáfora e metonímia e suas incidências verticais e horizontais na estruturação social. Vale notar que o autor explicita que esses deslocamentos e articulações acontecem segundo uma estrutura sintática, isto é, sob uma forma linguística. Como não referir essas “relações inter-elementos”, no encontro dos eixos horizontal e vertical, à futura distinção entre intra e interdiscurso (PÊCHEUX, 1995), ou ainda à proposta de Courtine (2014 [1980]) em termos de verticalidade e horizontalidade?

Agora, pensemos o interdiscurso em relação a *Raising the Flag on Iwo Jima*<sup>5</sup>. A fotografia do hasteamento da bandeira estadunidense na ilha japonesa de Iwo Jima foi realizada em fevereiro de 1945, pela qual Joe Rosenthal, então fotógrafo da *Associated Press*, angariou o Prêmio Pulitzer. No topo da colina de Suribachi, soldados norte-americanos tentam cravar a haste da bandeira em uma pilha de pedras e galhos. Essa foto é reconhecida como um ícone de vitória de guerra, tornando-se símbolo do êxito bélico dos EUA. É uma imagem que alicerça o imaginário nacionalista do país, recorrente em discursos que exaltam e criticam sua supremacia militar e seu ímpeto neocolonialista.

Porém, ela não faz sentido sozinha, sendo apenas um nó em uma rede de enunciados sobre guerra. Ler essa fotografia nos obriga a reconhecer que sua legibilidade está vinculada ao que já se viu e ouviu em termos de confronto bélico, de patriotismo, de conquista territorial. O que foi dito, visto e ouvido antes, em outros lugares e de modo independente alicerça o que é dito, visto e ouvido na atualidade da formulação. E mais: o modo como ela foi significada quando de sua produção e circulação inicial, em 1945, passou a constituir redes significativas e a fazer parte do imaginário norte-americano (e muito além dele). Não apenas a fotografia é remetida ao interdiscurso, mas também, uma

vez que se formula e assume existência material, incorpora-se ao domínio do já-visto e passa a funcionar como pré-construído.

Sendo exterioridade constitutiva, o interdiscurso investe a imagem de determinados sentidos, ele a significa, ao passo que introduz outras possibilidades de significação<sup>6</sup>. Sentidos de efeito material real, visto que sua construção nacionalista será suportada discursivamente, de maneira parcial, com essa fotografia. Entretanto, os sentidos nunca se fecham: o interior não é indiferente ao exterior, mas também o exterior não sai imune do contato com a interioridade discursiva. O conceito de memória, como veremos a seguir, permitirá detalhar essa questão.

Novamente, não devemos pensar em uma continuidade teórica, como se aquilo que Pêcheux desenvolve em *Semântica e Discurso* estivesse semi-velado neste ou em outro texto anterior, pronto para ser “revelado” futuramente. Mais teoricamente acertado seria compreender que as discussões realizadas na década de 1960, por exemplo, dão condições ao filósofo de especificar a ligação entre ideologia e discurso, questão chave de toda a sua empreitada teórica. Se buscamos vestígios nesse arquivo de obras de Pêcheux que nos permitam entender certos aspectos da constituição do arcabouço teórico da AD, não o fazemos para apontar o que sempre esteve pronto. Observamos, sim, a insistência da contradição entre presença/ausência, entre o que é dito aqui e o que foi dito antes, em outro lugar e independentemente. *Há traços do que está por vir*, mas não em puro estado de germe; trata-se de processo (histórico, científico, discursivo).

### **Um movimento outro: a alteridade e a memória discursiva**

*Há traços...* essa afirmação merece que nos detenhamos, para destacar um conceito outro, intimamente ligado ao interdiscurso: a memória discursiva. Conforme salientamos até aqui, o trabalho pecheutiano tem como norte o primado do real sobre o pensamento, que conduz ao princípio de existência material dos sentidos, determinados por uma exterioridade constitutiva, nomeada interdiscurso. Face a “um acontecimento a ler” (PÊCHEUX, 1999, p. 52), os sentidos se produzem enquanto efeitos materiais de uma certa relação com a história, isto é, um certo modo de atualização do interdiscurso na formulação, constituindo *traços*, que são marcas de memória inscritas no discurso.

Antes de desenvolver esse ponto, porém, é importante introduzir uma outra noção que, assim como a exterioridade, oportunizou a conceptualização tanto do interdiscurso

quanto da memória discursiva: a *alteridade*. Ela entra nos escritos de Pêcheux (1997a) desde muito cedo, acenando para a intrincabilidade do discurso-outro na produção do discurso-mesmo. Não se analisa um discurso como um texto fechado, mas como discurso em remissão a outros discursos, como vimos (PÊCHEUX, 1997a).

Pêcheux insistiu cada vez mais sobre a necessidade de compreender tanto o sujeito quanto o sentido sem recorrer a um fechamento definitivo, como ele próprio avalia em retrospecto: inicialmente, “o outro da alteridade discursiva ‘empírica’ é reduzido seja ao *mesmo*, seja ao resíduo” (PÊCHEUX, 1997b, p. 313). Há o exterior constitutivo como o Outro, determinante para que os sentidos e os sujeitos não sejam quaisquer uns. Contudo, o fato mesmo de haver o Outro aponta para a impossibilidade de essa determinação ser sinônimo de produto estanque. A determinação é histórica, mas a história não é outra coisa senão o incessante e contraditório movimento entre *reprodução/transformação* (PÊCHEUX, 1995).

Os encontros teóricos de Pêcheux foram decisivos nesse percurso. Inicialmente, com Jacqueline Authier (2016) e seu trabalho de cotejar Bakhtin e Lacan, tornando viável a apreensão, na materialidade linguística, da presença do outro, ao que ela denominou *heterogeneidade* (constitutiva e mostrada), presença assinalada no discurso do fora que está dentro. A partir desse encontro, o primado do Outro se impôs, não sob a forma de uma novidade, mas como um *reencontro*: “[o] discurso outro reencontra a ideia central trazida pelos conceitos de ‘pré-construído’ e de ‘interdiscurso’”, segundo a qual a formulação é “constituída-atravessada por um discurso vindo de outro lugar” (MALDIDIER, 2017, p. 96).

Com o interdiscurso, a alteridade discursiva já estava em cena, mas ainda na sombra de um Sujeito universal. Ao retificar que o Outro não equivale ao Sujeito, que o inconsciente não depende da ideologia, mas que o contrário não é verdadeiro, Pêcheux (1995) reafirma o primado da alteridade sobre a identidade, redimensionando os limites entre exterior e interior, limites já desafiados pela compreensão de uma “exterioridade constitutiva”. A presença do outro (e do Outro)<sup>7</sup> na identidade de um discurso colocou em xeque as oposições binárias “entre o individual e o social, entre o monológico e o dialógico, entre o dito e o não-dito” (PÊCHEUX, 2015a [1983], p. 150), levando a teoria do discurso a abraçar de vez a proposta lacaniana que defende que “‘o aparelho da linguagem’ supõe estruturalmente a existência do outro” (PÊCHEUX, 2015a, p. 150).

Além de Authier, o encontro de Pêcheux com Jean-Jacques Courtine e com Pierre Achard será significativo para conceituar a memória discursiva. Courtine (2014, p. 103) se volta à arqueologia foucaultiana, em relação com a interpelação ideológica e a primazia da contradição, a fim de sustentar que a memória “irrompe na atualidade do acontecimento”, em contraponto a uma atualidade (a formulação). Ressaltando esse encontro peculiar entre arqueologia e materialismo, Courtine (2014, p. 105-106, grifos do autor) assevera que a noção de “memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas regradadas por aparelhos ideológicos”. Assim, a memória discursiva reafirma que “toda formulação apresenta em seu ‘domínio associado’ outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega..., isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos” (COURTINE, 2014, p. 104).

Courtine (2014) explica que a ligação entre memória e discurso não prescinde do funcionamento da repetição. Por *repetição*, o autor entende a retomada de formulações que dá consistência a um enunciado de referência, que perde sua “origem” para transitar entre FDs. As muitas formas de repetição (direta, como a citação, e indireta, como o pré-construído) “correspondem a um modo definido de determinação de uma FD por seu ‘exterior específico’ ou interdiscurso”, o qual funciona como “*preenchimento*, produção de um efeito de consistência no cerne de uma rede de formulações, repetição na ordem de uma *memória plena*” (COURTINE, 2014, p. 238, grifos do autor). Contudo, o interdiscurso abre espaço para o deslocamento do reformulável e abriga heterogeneidade, descontinuidade e contradição, dando vazão a uma *memória lacunar*. Por sua ambivalência, “o interdiscurso é produtor para o sujeito falante do apelo e da lembrança das formulações, mas também de seu esquecimento” (COURTINE, 2014, p. 238).

De Achard, Pêcheux (1999 [1984]) destaca a legibilidade de um enunciado, isto é, sua inscrição em redes de sentido, sob a atuação da memória discursiva, “não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Os sentidos da/na memória são entrecruzados, desenhando uma rede que ao mesmo tempo prende e deixa escapar.

Em um trecho frequentemente citado dessa intervenção, lemos:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos

transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, 52).

Entretanto, o questionamento trazido na sequência é o ponto central: “A questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’ na leitura da sequência: eles estão disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, um registro oculto?” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). Nesta altura, o filósofo retoma a discussão a respeito da repetição e regularização em efeitos de série: para ele, é precisamente no processo de regularização que os implícitos residem, constituindo a “lei da série do legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). Mas Pêcheux (1999, p. 52) não perde de vista que essa regularização discursiva “é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória”.

Então, temos um movimento pendular: de um lado, a memória tendendo a absorver o acontecimento no plano da série do legível, isto é, nivelar a irrupção de um acontecimento dentro de uma estabilidade interpretativa, em uma rede de contenção de sentidos. Do outro lado, temos o acontecimento discursivo podendo “desmanchar essa ‘regularização’ e produzir retrospectivamente uma nova série sob a primeira”, em relação à qual o acontecimento “desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). Vale notar o emprego do advérbio “retrospectivamente”, que assinala que o acontecimento não apenas é tecido de memória, mas que ele tece também memórias outras e retece memórias estabilizadas. Isso implica que a memória não está dada: há sempre regularização, bem como há sempre escape.

Com o olhar direcionado mais uma vez para a fotografia de Rosenthal, observamos a teoria funcionando no movimento analítico. A existência histórica dos sentidos dessa imagem ganha densidade ao considerarmos as condições de sua produção, que iniciamos por indicar na seção anterior. Trata-se, como vimos, de um ícone de guerra estadunidense, nação presente, metonimicamente, pela bandeira de listras e estrelas. Gesto profundamente simbólico no contexto bélico e de dominação territorial: cravar sua bandeira, impor sua presença e seu poder sobre a terra do outro. Nesse caso, a bandeira é lida como *traço*, índice de legibilidade do acontecimento de guerra, um elemento *outro* que, como efeito de pré-construído, lembra do que já foi visto e significado, do que está por ser visto e significado, e também do que não deve ser visto e significado.

O imaginário nacionalista que essa fotografia alimenta, como adiantamos, está fortemente ligado a esse traço. Tanto é assim que ele será repetido exaustivamente em

produções visuais, dando origem a monumentos memoriais (como o *Marine Corps War Memorial*), selos postais, cenas de filmes e desenhos animados (*Os Simpsons*, por exemplo), além de paródias, como recentemente fizeram soldados do Talibã, grupo nacionalista afegão, trajados com uniformes e equipamentos militares típicos do exército estadunidense, levantando a bandeira talibã no topo de um morro, entre rochas e plantas rasteiras, em uma pose similar à dos soldados de 1945<sup>8</sup>.

Remetida ao interdiscurso, *Raising the Flag on Iwo Jima* adentra a rede de existência histórica dos sentidos, alojando-se na memória com lugar privilegiado. Ao estabelecer relação com uma memória de guerra, pela qual a conquista territorial por violência merece exaltação, a bandeira fincada à força no solo alheio permite reconstituir algo desses “implícitos” de que falava Pêcheux (1999), mas sob a forma de *traços*, isto é, vestígios da história que se materializam discursivamente e se repetem na formação de memória. E uma vez investida de sentidos, também a memória de guerra não sai intacta da atualidade que representou, naquele momento, a fotografia de Iwo Jima, a qual foi capaz de reconfigurar o já-visto de uma guerra e dos poderes que se colocam em jogo. Ela inscreve-se no interdiscurso, mas não de qualquer forma: pelo modo como é “absorvida” pela memória, a fotografia é iconicizada. Produz uma série legível e, ao mesmo tempo e contraditoriamente, desmancha essa série, uma vez que instala nela pontos de escape. O acontecimento histórico da Segunda Guerra, junto a uma certa projeção imaginária dos EUA, é significado discursivamente nessa foto, ao passo que a mesma espetacularização abre para réplicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 1999).

Na repetição, residem a exaltação e a comemoração, assim como a zombaria e a pilhéria. A memória não é apenas espaço de estabilização, mas também de deslocamentos. Segundo Pêcheux (1999, p. 53), ocorre “sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento”, jogo de “manter uma regularização”, absorvendo o acontecimento, e de “uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’”. No interior da regularidade, pelo fato de haver jogo metafórico no âmago da linguagem, a memória se esburaca, antes de retornar para a repetição parafrástica, que por isso mesmo é algo diferente de pura repetição empírica, porque “sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 1999, p. 53).

O vocabulário para tratar da memória é nitidamente tenso (*regularizar, absorver, perturbar, articular, desdobrar, desmanchar, deslocar...*), e nele a insistência da alteridade se faz forte. Sob o primado da alteridade, a memória não poderia ser concebida “como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido acumulado ao modo de um reservatório” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Afirmar que a memória não é um “reservatório” sintetiza o que viemos tecendo até aqui: ela se dá na relação material com a alteridade, como exterioridade constitutiva, que discursivamente tem uma forma particular, um exterior específico, o interdiscurso. A memória é um conjunto de práticas, “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Notemos que, no parágrafo final, Pêcheux (1999, p. 56) levanta a relação entre memória, alteridade e exterioridade: “E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior”. Relembremos a definição de Pêcheux (1995) para interdiscurso: real (exterior). Assim, reencontramos o interdiscurso, desdobrado em exterioridade dos sentidos, os quais a memória amarra em seu laço com a atualidade.

Essa mesma relação memória/alteridade é desenvolvida no texto *Discurso: estrutura ou acontecimento* (PÊCHEUX, 1990 [1983]). O *outro* comparece como condição de possibilidade da significação, sendo a memória o efeito de uma determinada organização discursiva das filiações históricas possibilitadas pelo interdiscurso, com as quais o sujeito, em seu discurso, identifica-se: “é porque há o *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência” (PÊCHEUX, 1990, p. 54, grifo do autor), sendo essa ligação o que possibilita que as filiações históricas sejam organizadas em memórias.

Desse modo, a memória é vestígio da presença do outro na materialidade do discurso, “a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico” (PÊCHEUX, 1990, p. 55). A ausência da nomeação do interdiscurso é sintomática, mas ele se faz presente em sua ausência: o que seria o princípio do real sócio-histórico inscrito no interior da materialidade discursiva senão o funcionamento da interdiscursividade? Deparamo-nos com aquilo que Macherey

(1995) propõe: o conceito nem sempre está lá onde está o termo, assim como ele pode estar presente mesmo que sob outras palavras.

A introdução da *memória discursiva*, portanto, não tira de jogo o interdiscurso, mas redimensiona-o. Em *Metáfora e Interdiscurso*, Pêcheux (2015c [1984], p. 156) reafirma que “a questão primordial cessa de ser a da subjetividade produtora do discurso e torna-se a das formas de existência histórica da discursividade”. Deslocando a produção dos sentidos da consciência do falante para as formas de existência histórica, a filiação materialista é sustentada, agora com a ressalva de entender que “o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade, torna-se desde então seu princípio de funcionamento” (PÊCHEUX, 2015c, p. 158).

Na mesma direção, em *Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso*, o autor argumenta que não interessa à AD dominar os sentidos, mas “construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito” (PÊCHEUX, 2015d [1984], p. 291). Ademais, insiste que se deve considerar a relação entre o regime de produção de enunciados e o “efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro” (PÊCHEUX, 2015d, p. 291).

Em ambos os textos, Pêcheux está reiterando que os sentidos, em relação a um real histórico exterior constitutivo, o *interdiscurso*, são ao mesmo tempo, e contraditoriamente, regulados e deslocados, reguláveis e deslocáveis. Isso se deve ao entendimento de que o Outro, como discurso-outro, interfere nesse regime, impedindo uma integração total, sem falhas.

A essa altura, deve estar patente o estreito vínculo entre interdiscurso e memória. Cabe, agora, atentar para as possíveis diferenças. Segundo Macherey (1995), a linguagem é a condição de movimento do pensamento científico, visto que a estabilidade da palavra de um conceito assegura sua repetição no interior de um campo e sua importação por outros. Mudando as palavras, pode-se mudar a definição, revisar o conceito, mas não necessariamente. Pêcheux não substitui *memória* por *interdiscurso*: os dois termos coexistem em seu trabalho na década de 1980. Resta saber se ele utiliza palavras diferentes para o mesmo conceito.

Retornemos, então, ao que sugerimos na abertura desta seção: há *traços* (da história, do interdiscurso, da alteridade...) no discurso. Em *Semântica e Discurso*, encontramos uma indicação a esse respeito:

[a] identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto ‘pré-construído’ e ‘processo de sustentação’) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 1995, p.163, grifos do autor).

O interdiscurso não se dá a ver de forma global, mas se presentifica em seus efeitos (dentre os quais o filósofo destaca o pré-construído e o processo de sustentação), os quais se articulam no discurso e formam *traços* que determinam o sujeito, em suas identificações, dentro de um processo discursivo. Portanto, o discurso é o que sustenta, materialmente, a identificação do sujeito com certos efeitos de sentido, o que não se dá sem referência a condições sócio-históricas de produção. Sendo o interdiscurso um todo complexo material, exterior e real, faz-se imprescindível que ele se marque na sequência intradiscursiva sob a forma de traços, ou ainda, sob a forma de memória.

O *traço*, enquanto vestígio da alteridade, é uma maneira profícua de especificar essa relação. Em *Leitura e memória: projeto de pesquisa*, Pêcheux (2015a) propõe um estudo das incidências do interdiscurso em sequências intradiscursivas, junto à problemática da leitura como outra coisa que não uma atividade cognitiva. Inicia sua argumentação rejeitando uma compreensão de memória e de leitura dentro de prerrogativas biopsicológicas de um organismo, para abraçar a memória como “traços que constituem a inscrição individual interna de fenômenos exteriores a esse organismo” (PÊCHEUX, 2015a, p. 141). Sua hipótese defende “o *estatuto social da memória* como condição de seu funcionamento discursivo, a partir da produção e interpretação de redes de traços gráficos ou fônicos” (PÊCHEUX, 2015a, p. 142, grifos do autor).

Existe, portanto, um estatuto social da memória, para além dos limites da subjetividade pensante/falante, que interessa a uma investigação discursiva. Essa memória é definida como “um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de *tecidos de índices legíveis*, constituindo um corpus sócio-histórico de traços” (PÊCHEUX, 2015a, p. 142, grifos do autor). Amarram-se, aqui, muitas questões que desenvolvemos com base em outros textos: uma série de legibilidade se dá em referência a um conjunto complexo, preexistente e exterior (nomeadamente, o interdiscurso), que constitui um corpo de traços na história.

Pêcheux (2015a) menciona, ainda que *en passant*, uma relação entre a ideologia e as “redes de ‘signos, traços e pistas’”, do paradigma indiciário guinzburgiano, em uma aproximação com a Nova História e a História das Mentalidades, recorrente em vários

textos da década de 1980. Trata-se de uma história dos pormenores, dos detalhes ínfimos, das pistas e dos traços daquilo que é facilmente esquecível porque supostamente não memorável. Houve condições para um aprofundamento da memória discursiva, que não se reduz à memória do historiador, mas está entrecruzada a ela (PÊCHEUX, 1999).

Considerar a memória um “corpo/corpus de traços” (PÊCHEUX, 2015a, p. 143) aponta para esse encontro “histórico” e para um questionamento teórico e metodológico basilar: como ler tais traços? Rejeitada a apreensão cognitiva por um leitor de traços logicamente reconstituíveis, Pêcheux (2015a) avança sua “hipótese alternativa”: a condição de produção de uma sequência “reside de fato na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência”, sendo que o “*interdiscurso* caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada” (PÊCHEUX, 2015a, p. 145-146, grifo do autor).

Uma sequência possui um *espaço de memória*, vocabulário de Courtine (2014), cuja existência é sócio-histórica e material, em traços discursivos, em função de um exterior-anterior que intervém na construção da sequência com a especificidade discursiva – o *interdiscurso*. Entrevemos, aqui, uma maneira de diferenciar memória de *interdiscurso*: existem traços sócio-históricos (memória) caracterizados como corpo de traços, corpo que é um todo complexo de elementos, isto é, o *interdiscurso*. Nessa direção, a memória pode ser entendida enquanto traços da história que, em seu conjunto complexo, apontam para a existência da exterioridade-alteridade *interdiscursiva*.

Nossa leitura difere, em parte, daquela realizada por Maldidier (2017, p. 107, grifo da autora), que entende que o *interdiscurso* encontra a memória na obra de Pêcheux sob a forma de um “esvaziamento”: a memória esvazia o *interdiscurso* de seu conteúdo específico, “pois o ‘corpo sócio-histórico de traços discursivos constituindo o espaço de memória’ é explicitamente assimilado ao *interdiscurso* [...]. Michel Pêcheux enfraqueceu seus conceitos para lhes permitir continuar a trabalhar”. Citando *Leitura e Memória*, Maldidier (2017) enfatiza essa “passagem” como um modo de contornar a presença monolítica do *interdiscurso* por meio da pulsação da memória. Para nós, outra forma de ler esse “esvaziamento” é entendê-lo, diferentemente, como um *desdobramento*, isto é, a memória discursiva especifica o que “ia muito bem” com o *interdiscurso*: não se toca o sentido e o sujeito pelo sucesso, mas pelas falhas, como Pêcheux insiste ao tratar de atos falhos, chistes, equívoco, resistência.

Conceituando a memória, junto ao batimento necessário com o esquecimento, sem que nem um nem o outro sejam reduzidos a funcionamentos cognitivos e evidentes, a incidência do interdiscurso sobre o intradiscursos ganha um *laço*, que os amarra. A memória viabiliza a análise dos traços que constituem o todo complexo do interdiscurso, em si real (exterior). Para Pêcheux (2015a), o interdiscurso incide sobre o intradiscursos com um papel determinante, cuja importância deve ser sublinhada “na apreensão do interdiscurso como corpo de traços que formam memória” (PÊCHEUX, 2015a, p. 147). Assim sendo, a memória é algo *em formação*, na incidência de traços da história na materialidade discursiva, sob a forma de um corpo interdiscursivo. A memória discursiva pode ser lida, sob tal mirada, como efeito do interdiscurso no intradiscursos.

Havíamos adiantado, na seção anterior, que Orlandi (2001) entende memória discursiva como sinônimo de interdiscurso, ambos caracterizados por um esquecimento fundante. Essa interpretação assume que, no limite, a irrepresentabilidade do interdiscurso o torna inoperável. Por isso, uma assimilação de interdiscurso/memória discursiva, tal como a autora realiza, é compreensível, enquanto um modo de analisar a interdiscursividade marcada no intradiscursos. Contudo, argumenta Leandro-Ferreira (2012), ainda que o interdiscurso e a memória estejam intimamente ligados, eles estabelecem relações distintas com a alteridade. Segundo a autora, se o interdiscurso é o *Outro* do discurso, naquilo que ele tem de inacessível, a memória é o *outro* dos discursos, em suas relações e enlaces, sua “cola”: “se a memória discursiva recorta os sentidos e os atualiza no acontecimento da linguagem, ela o faz determinada pelo interdiscurso, o lugar de todos os dizeres” (LEANDRO-FERREIRA, 2012, p. 145)<sup>9</sup>.

Para concluir, é indispensável salientar uma última vez a face-outra da memória: o esquecimento. Nosso foco não é sobre essa relação, mas trata-se de um conceito composto, na medida em que “o tema da memória, co-ligada no eixo vertical, à repetição” esteve sempre ligado “ao esquecimento, ao apagamento e à denegação” (MALDIDIER, 2017, p. 87). Já tivemos oportunidade de mostrar a importância da teoria dos esquecimentos no deslocamento da subjetividade em prol do primado do real sobre pensamento. É necessário esquecer para poder ser sujeito, para poder tomar a palavra e com ela produzir sentido (PÊCHEUX, 1995). Estruturada pelo esquecimento, a memória organiza o que pode ou não ser lembrado, não apenas como efeito de uma lembrança pontual, mas como condição de memorabilidade. A fotografia de Iwo Jima é exemplar a esse respeito, pois conjuga memória e esquecimento de forma potente e equívoca.

Conforme enunciamos, o grupo Talibã parodiou recentemente a icônica fotografia e recebeu muitas críticas, principalmente de estadunidenses, que recriminavam essa zombaria como forma de propaganda política. Curiosamente, a foto de Rosenthal em Iwo Jima encabeçou inúmeras propagandas norte-americanas e, como apontamos, alimentou e continua alimentando um imaginário de nação vitoriosa. Imaginário construído sobre uma montagem sutilmente esquecida: Joe Rosenthal chegou atrasado para o hasteamento da primeira bandeira, de menor porte, registrada por outro fotógrafo, cuja câmera havia supostamente quebrado após a sessão fotográfica. Tendo chegado ao topo do monte, Rosenthal presenciou um segundo hasteamento, sob ordens de superiores que desejavam uma bandeira maior para ser exibida no local. O fotógrafo registra uma outra encenação, pensada, desde o início, como propaganda política e militar (ROBIN, 2016 [2003]).

Além disso, Iwo Jima foi apenas o primeiro território do Japão ocupado pelos EUA, antes dos posteriores confrontos com o exército japonês (ROBIN, 2016). Com efeito, não houvera vitória de guerra, apenas uma conquista primeira. Mas isso também é esquecível, pois importa “pouco” na construção do almejado imaginário: a imagem (fotográfica) é eficaz na produção da imagem (imaginária) de nação conquistadora.

Se há, por um lado, regularização, imprimindo consenso à memória social, por outro, a memória discursiva não cessa de reinscrever-se e de fazer esquecer. Não há memória sem interdiscurso, pois não há frasco sem exterior (PÊCHEUX, 1999). Diante da presença estrutural da exterioridade-alteridade na materialidade, os sentidos não se fecham e o acontecimento vem “perturbar” a memória. Se visualizarmos a memória como um *laço*, é possível pensar que esse laço não está atado permanentemente: ele ata e desata, amarra certos elementos de um modo determinado, mas pode vir a estabelecer outros nós, ligando outros pontos e organizando-os em distintas séries.

Considerar a volatilidade da memória, sua equivocidade, é entender que ela é espaço de “desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Amplamente circulada dentro e fora dos EUA, *Raising the Flag on Iwo Jima* abre-se para a divisão dos sentidos, isto é, sua disputa. Isso aponta para o fato de que o real sócio-histórico impõe opacidade à significação, atuando como exterioridade constitutiva e determinante do discurso.

Iconicizada, a fotografia se torna memorável, digna de ser lembrada e impedida de ser esquecida. É preciso esquecer outras séries possíveis, fazer esquecer que há outros modos de ler o acontecimento materializado na imagem. Quando um grupo como o Talibã,

em confronto direto com o imperialismo norte-americano, retorna sobre o ícone de Iwo Jima para parodiá-lo, o efeito de memória que assegura o imaginário dos EUA é dessacralizado e, no mesmo movimento, deslocado. O que se atinge é a estabilidade de um *corpo de traços* (PÊCHEUX, 2015a): recupera-se um traço para retrabalhá-lo, a fim de fazer lembrar (e esquecer) outros sentidos.

Necessariamente marcada pelo interdiscurso, sob o trabalho contraditório da memória e do esquecimento, a imagem é ressignificada e sua legitimidade é confrontada. Conseqüentemente, notamos que a memória não está no passado; ela toca a atualidade e é tocada por ela: não se trata apenas de uma imagem alimentando posteriores memórias de guerra, mas uma formulação visual que permite que o próprio acontecimento (bélico) seja problematizado. Rir de sua iconicidade é colocar em causa o efeito de memória que a sustenta e que sustenta a aura de glória da qual se reveste o imaginário estadunidense.

### **Arremate**

Em uma citação já mencionada no início deste artigo, lemos que “o laço que liga as ‘significações’ de um texto a suas condições sócio-históricas não é, de forma alguma, secundário, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX, 2015b, p. 125). Com vista do que discutimos até aqui, compreendemos que esse laço constitutivo que amarra um texto às condições sócio-históricas de produção dos sentidos, seu exterior interdiscursivo, é a memória discursiva. *Enquanto traço, a memória faz laço.*

Partimos de uma afirmação de Pêcheux (1995, p. 162), que destacava a existência do sentido em função da exterioridade e da alteridade, e realizamos uma leitura de obras do autor, da qual resultou um efeito de arquivo. Com esse gesto, seguimos vestígios da constituição dos conceitos de *interdiscurso* e de *memória discursiva*, vestígios que marcam a memória da disciplina. Também uma ciência, em sua dimensão discursiva, não se faz sem sustentação no que foi dito antes, em outro lugar e independentemente.

O recorte efetuado pela escrita deste artigo enfatizou que a exterioridade desautomatiza a relação com a linguagem e faz intervir o real, de ordem material, que embasa as compreensões de Pêcheux em torno da significação, sem ceder a uma subjetividade estratégica. Exterior que não é sinônimo de um simples fora, como a problematização da adjetivação “constitutiva” apontou.

Ler as obras do autor atentando para os traços de constituição conceitual demandou que se ressaltasse o “reencontro” com a alteridade (MALDIDIER, 2017). Nas palavras de Pêcheux (1997b), houve uma ressignificação do primado do *mesmo*, que alocava a alteridade como resíduo, para o primado do *outro*, com a entrada do interdiscurso, conceito que permitiu dar visibilidade à exterioridade constitutiva e à insistência da alteridade no discurso. Esse percurso, naquilo que tem de real histórico, levou ao desmanche das maquinarias e à “insistência de um ‘além’ interdiscursivo”, que desestabiliza os processos, “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (PÊCHEUX, 1997b, p. 316-317).

Dos encontros teóricos, marcantes na trajetória de Pêcheux, a memória discursiva começa a ser problematizada na década de 1980, embora suas “origens” remontem a uma história mais complexa. Diferenciada do interdiscurso pela relação com o outro/Outro (LEANDRO-FERREIRA, 2012), a memória funciona como indicativo de que todo discurso é palimpsesto: efeito de um processo que deixa traços do que veio antes e do que pode vir a ser, junto ao funcionamento do esquecimento. Com o gesto analítico sobre *Raising the Flag on Iwo Jima*, mostramos que os traços da memória resultam de um efeito do interdiscurso, exterioridade-alteridade discursiva. Consequentemente, significam pelo movimento inerente à discursividade, constituída pelo retorno que produz deslocamento, pela reprodução que carrega consigo transformação. Como uma *roda-viva* que não para de girar, a memória faz mover o discurso nas trilhas da história, em giros mobilizadores, vertiginosos, perturbadores (LACERDA, 2023).

Com o aporte da Epistemologia Histórica francesa, disciplina a que o próprio Pêcheux recorria, ganhou relevo a descontinuidade entre interdiscurso e memória discursiva. Não se tratou, portanto, de um mero desenvolvimento, aos modos de um progresso científico, mas de um movimento conceitual não linear, cujas idas e vindas foi possível acompanhar. Insistamos sobre esse ponto: o risco de tomar a história da AD, no geral, ou a dos conceitos de interdiscurso e de memória discursiva, em particular, como progressivas é grande, como se a memória viesse substituir o interdiscurso. Esperamos ter indicado que isso não procede. O argumento de Maldidier (2017) – em prol de um enfraquecimento – também pode deixar a impressão de que se tratou de uma substituição (interdiscurso enfraquecido = memória). Mas o que mais merece destaque do apontamento da autora é que Pêcheux não se limitou à certeza do conceito. Ao recusar tomá-lo como limite invariável – o que constituiria uma denegação da tese materialista fundamental: há

real –, abraçou o fato de os sentidos (dos conceitos) serem suscetíveis a deslizamentos, porque afetados por memória e por esquecimento.

Conceitos servem para perseguir questões, ensina Macherey (1995). Acompanhar algo dessa empreitada de Pêcheux, na história dos conceitos de interdiscurso e de memória discursiva, deu condições de observar a necessidade de suportar a contradição, que é incontornável, e a primazia do real-concreto sobre o real-pensado. O entrelaçar dos conceitos de *interdiscurso* e *memória discursiva*, bem como suas convergências e colisões, propiciou ao filósofo perseguir suas questões: a inquietação do sentido e do sujeito, na história. A inquietação do discurso.

## Referências

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.

AUTHIER, J. Palavras mantidas a distância. In: CONEIN, Bernard *et al.* (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 201-226.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUfscar, 2014.

HERBERT, T. [Michel Pêcheux]. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Rua**, Campinas, n.1, p. 63-89, 1995.

LACERDA, G. H. **Sentidos de morte na escritura(ção) do luto no Facebook**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Memória discursiva em funcionamento. In: ROMÃO, L.; GALLI, F. (org.). **Conceitos discursivos em rede**. São Carlos: Pedro & João, 2012, v.1. p. 141-152.

MACHEREY, P. A filosofia da ciência de Georges Canguilhem: epistemologia e história das ciências. Posfácio. In: CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 271-307.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p. 311-319.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. Leitura e memória: projeto de pesquisa. *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015a. p.141-150.

PÊCHEUX, M. Língua, ‘linguagens’, discurso. *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015b. p.121-129.

PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015c. p.152-161.

PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015d. p. 283-294.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte das práticas discursivas da disciplina “Análise de Discurso: Fundamentos e Procedimentos”, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), referente ao segundo semestre letivo de 2021.

<sup>2</sup> Na primeira vez que uma obra for citada neste artigo, colocaremos entre colchetes a data da publicação original, quando esta não for igual à da edição consultada.

<sup>3</sup> Pêcheux faz menção ao “Outro” no jogo conceitual entre Althusser e Lacan, indicando a existência de uma função não-empírica no processo ideológico e na constituição inconsciente, a qual assinala a presença de uma exterioridade constitutiva, em remissão à qual a interioridade (do sujeito e do sentido) se produz. Na seção seguinte, adensamos a função central da alteridade para compreender a memória discursiva.

<sup>4</sup> Vale acrescentar que a noção de texto a que se refere Pêcheux, como unidade fechada e autônoma, não equivale ao modo o texto é compreendido dentro dos estudos discursivos. Efeito da relação entre discursos, o texto é uma unidade imaginária (ORLANDI, 2001).

<sup>5</sup> A fotografia que descrevemos e analisamos pode ser consultada no site do *U.S National Archives and Records Administration*. Disponível em: <https://www.archives.gov/global-pages/larger-image.html?i=/historical-docs/doc-content/images/iwo-jima-flag-raising-1.jpg&c=/historical-docs/doc-content/images/iwo-jima-flag-raising.caption.html>. Acesso em: 20 fev. 2022.

<sup>6</sup> Pêcheux não se debruçou sobre a análise de imagens, tendo dado centralidade ao funcionamento da língua. Seus ensinamentos, porém, deram condições a pesquisadores de AD para desdobrar suas bases teóricas e analíticas, atentando para as muitas formas materiais pelas quais o discurso se formula. Não nos ateremos a essa questão aqui, mas indicamos que, dentre outros analistas, Suzy Lagazzi é referência a esse respeito.

<sup>7</sup> Conforme Authier (2016), no entremeio de Bakhtin e Lacan, o outro e o Outro diferenciam-se no nível de sua representabilidade: o discurso-outro ou do outro diz respeito à existência concreta de formulações de outros sujeitos, em outras textualidades, no interior de um sequência; o discurso-Outro ou do Outro, por sua vez, não é delimitável textualmente, mas opera como princípio de funcionamento do primeiro.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://petapixel.com/2021/08/23/taliban-mocks-us-by-recreating-iconic-wwii-flag-raising-photo/>. Acesso em: 24 fev. 2022.

<sup>9</sup> Há muito ainda a discutir acerca dos trabalhos atuais em AD em torno de memória e interdiscurso. Tais desdobramentos, porém, fogem ao escopo deste artigo, que visa traçar a constituição dos conceitos no interior da obra de Michel Pêcheux.

*O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.*